



Medievalis

v. 10, n. 2 (2021)

| 1

Interferências linguísticas na tradução medieval portuguesa do Espelho da Cruz de Domenico Cavalca: desvendando o perfil linguístico do tradutor

César Nardelli Cambraia¹
Marcos Alexandre dos Santos²

Resumo: Este trabalho apresenta uma análise das interferências linguísticas na tradução medieval portuguesa do Espelho da Cruz de Domenico Cavalca, preservada nos cód. alcs. 89 e 221 da Biblioteca Nacional de Portugal. Do ponto de vista teórico, a análise fundamentou-se em conceitos relativos a contato linguístico e a interferência linguística. Testou-se a hipótese de que o tradutor seria falante nativo de catalão, com base em uma análise de 428 catalanismos presentes na referida tradução, a qual foi confirmada.

Palavras-chave: Crítica Textual. Tradução. Contato linguístico. Espelho da Cruz. Domenico Cavalca.

Abstract: This paper presents an analysis of linguistic interferences in the Portuguese medieval translation of the Mirror of the Cross by Domenico Cavalca, preserved in cods. alcs. 89 and 221 of the National Library of Portugal. From a theoretical point of view, the analysis was based on concepts related to linguistic contact and linguistic interference. The hypothesis that the translator would be a native Catalan speaker was tested, based on an analysis of 428 Catalanisms present in that translation, which was confirmed.

Keywords: Textual Criticism. Translation. Linguistic contact. Mirror of the Cross. Domenico Cavalca.

¹ Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo, pós-doutor em Linguística Românica na Universitat de Barcelona e em Léxico e Terminologia na Universidade de Brasília. Professor Titular de Filologia Românica na Universidade Federal de Minas Gerais. É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2.

<http://lattes.cnpq.br/2115893286364349>

<https://orcid.org/0000-0002-2403-3021>

E-mail: nardelli@ufmg.br

² Graduado em Letras/Edição pela Universidade Federal de Minas Gerais. É mestrando em Estudos Linguísticos na mesma instituição.

<http://lattes.cnpq.br/2837222416535970>

<https://orcid.org/0000-0002-1645-3608>

E-mail: al.lexandre@hotmail.com





Introdução

A tradução medieval portuguesa do *Espelho da Cruz* de Domenico Cavalca é um registro muito singular, dada presença de aspectos pertencentes a diferentes línguas que se constata em seu interior. Essa particularidade tem chamado a atenção de estudiosos, mas, a cada novo estudo sobre o tema, mais e mais dúvidas emergem, visto que a complexidade dos padrões linguísticos identificados vai se demonstrando cada vez maior.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma breve contribuição para desvendar o mistério sobre o perfil linguístico do tradutor, de forma a fornecer subsídios para um melhor conhecimento da tradição dessa obra.

Status quaestionis

Specchio di Croce, obra escrita pelo frei dominicano Domenico Cavalca (Vicopisano, c. 1270 — Pisa, 1342) por volta de 1333 (DELCORNO, 1979) teve grande difusão desde sua composição: o texto italiano encontra-se hoje preservado em 127 manuscritos e chegou a ser objeto de 28 edições nos sécs. XV e XVI, tendo sido a edição *princeps* realizada por Filippo di Pietro ou Juvenis Guerinus antes de 1476 (TROIANO, 2018, p. 16). Durante a Idade Média, foi traduzida para o catalão, o português e o espanhol.

A tradução medieval portuguesa do *Espelho da Cruz* de Domenico Cavalca, preservada em dois testemunhos (cód. alcs. 89 e 221, Biblioteca Nacional, Portugal), foi inicialmente abordada por Martins (1956, p. 158), que aventou a hipótese de que se tratasse de tradução portuguesa feita a partir da espanhola (impressa em 1486 em Sevilha), em função da presença de hispanismos no texto português.

O tema voltou à baila mais tarde, através do estudo realizado por Cornagliotti e Piccat (1993), que, com base em uma análise da revisão linguística coeva presente no cód. alc. 89 e sua relação com o cód. alc. 221 e também com base no estudo da Damonte (1977) sobre a tradução espanhola, defendeu que a tradução portuguesa não foi realizada a partir da espanhola (CORNAGLIOTTI; PICCAT, 1993, p. 346), e, além disso, que o cód. alc. 89 foi o modelo para o cód. alc. 221 (CORNAGLIOTTI; PICCAT, 1993, p. 335).

No estudo seguinte sobre essa tradição, Cambraia e Santos (2019) analisaram aspectos linguísticos e textuais da tradução portuguesa da referida obra de Cavalca, demonstrando não apenas haver catalanismos nessa tradução, como ainda ela ter sido feita a partir da catalã. A detecção de diferenças entre os cód. alcs. 89 e 221, com passagens genuínas neste ausentes naquele, deu origem a questionamento sobre a proposta Cornagliotti e Piccat (1993) de que o primeiro foi modelo para o segundo, colocando-se





em pauta a hipótese de que teria havido *contaminação* (CAMBRAIA, 2005, p. 143) na tradição portuguesa, ou seja, de que o tradutor para o português teria consultado mais do que apenas a tradução catalã, tendo também possivelmente consultado outra fonte, provavelmente o texto italiano (CAMBRAIA; SANTOS, 2019, p. 52). No que se refere ao perfil linguístico do tradutor para o português, foram apresentadas duas hipóteses: (a) *poliglossia* (falante nativo de espanhol com conhecimentos de português e catalão como línguas estrangeiras) e (b) *bilinguismo* (falante nativo bilíngue de espanhol e de catalão com conhecimento de português como língua estrangeira) (CAMBRAIA; SANTOS, 2019, p. 52-53).

Mais recentemente, a discussão sobre a tradição portuguesa do *Espelho da Cruz* foi retomada por Bico (2021), que focou a relação entre os dois manuscritos portugueses, considerando tanto a materialidade quanto a textualidade, e apresentou dados comparativos entre os dois testemunhos que permitiram embasar a tese de Cornaglioti e Piccat (1993) de que o cód. alc. 89 foi modelo para o cód. alc. 221. No que se refere à questão da contaminação, Bico (2021, v. 1, p. 136) reiterou a hipótese de Cambraia e Santos (2019) de que esse fenômeno teria ocorrido na tradição portuguesa. Por fim, quanto à questão do perfil linguístico do tradutor, Bico (2021, v. 1, p. 138) considerou, com base nos dados do texto da tradução, que “há a maior probabilidade de o tradutor ser espanhol com conhecimentos de português e catalão”.

Contato e interferência linguística

Weinreich (1970, p. 1) considera que há *línguas em contato* quando duas ou mais línguas são empregadas alternadamente pelas mesmas pessoas. É a essa prática que se chama de *bilinguismo*. Casos de desvio da norma de qualquer uma das línguas em questão que ocorrem na fala de pessoas bilíngues consistem em fenômenos de *interferência*. O estudioso assinala ainda que interferência

implica no rearranjo de padrões que resultam da introdução de elementos estrangeiros em domínios mais altamente estruturados da língua, tais como a maior parte do sistema fonológico, uma grande parte da morfologia e da sintaxe, algumas áreas do vocabulário (parentesco, cor, clima, etc). (WEINREICH, 1970, p. 1, tradução nossa)

Interferência linguística também é comum no processo tradutório, caso que não necessariamente envolve falantes bilíngues (no sentido de terem duas línguas como língua materna).

Newmark (1991) apresenta duas definições de interferência na tradução:





Na definição restrita, a interferência na tradução ocorre quando, aparentemente de forma inadequada, qualquer característica da fonte ou de uma terceira língua, especialmente uma estrutura sintática, um item lexical, uma expressão idiomática, uma metáfora ou ordem de palavras é transferido ou traduzido literalmente conforme o caso no texto da língua-alvo.

Em uma definição mais ampla, a interferência inclui casos em que a extensão da frase, pontuação, nomes próprios, neologismos ou palavras culturais são transferidos de forma evidente para a tradução, na verdade, todos os casos em que a língua da tradução é manifestamente afetada apropriadamente ou não pela língua do original. Nesse sentido, a interferência é um fator intrínseco a qualquer tradução. (NEWMARK, 1991, p. 78, tradução nossa)

Diversas tipologias têm sido desenvolvidas para dar conta da interferência no processo tradutório. Uma proposta interessante é a de Hopkinson (2007), que se baseia no conceito de *interlíngua* de Selinker (1972, p. 214): “um sistema linguístico separado baseado no produto observável que resulta de uma tentativa de produção pelo aprendiz de uma norma da língua-alvo” (tradução nossa). Segundo a explicação de Hopkinson (2007),

a teoria da interlíngua afirma que a produção imperfeita de língua estrangeira de alunos (ou tradutores) resulta em um sistema intermediário de língua — na verdade, uma "terceira língua" — situado em algum lugar entre duas línguas "verdadeiras" (L1 e L2). (HOPKINSON, 2007, p. 13, tradução nossa)

Sua tipologia, elaborada em trabalho voltado para a tradução inglês-tcheco, compreende as seguintes categorias (a macrocategoria se refere à causa da interferência e a subcategoria diz respeito à sua expressão linguística):

a) *Material de referência inadequada* (uso inadequado do material de referência, como os dicionários):

- *Segmentação de campo semântico* (quando duas línguas segmentam um determinado campo semântico usando campos lexicais estruturados de forma diferente); e
- *Equivalência sintática exata* (tendência inconsciente dos tradutores de buscar equivalência sintática exata entre os itens lexicais no texto-fonte e no texto-alvo).

b) *Generalização de falsas hipóteses* (tradutores fazem generalizações incorretas de suas próprias hipóteses falsas das relações entre os sistemas linguísticos):

- *Generalização lexical: falsos cognatos* (ocorrência de falsos cognatos)³; e
- *Generalização na formação de palavras* (tradução equivocada de sufixos nominais produzindo palavras não existentes)⁴.

³ Hopkinson (2007, p. 17) assinala que a falsa hipótese nesse caso seria a de que “empréstimos lexicais em tcheco regularmente terão um equivalente válido e semelhante em inglês” (tradução nossa).

⁴ Nesse caso a hipótese seria a de que “a transformação do sufixo de um empréstimo lexical tcheco produzirá regularmente um equivalente inglês válido” (HOPKINSON, 2007, p. 18).





c) *Diferenças sistêmicas e estruturais entre tcheco e inglês* (diferenças tipológicas entre as línguas):

- *Sistemas morfológicos* (sistema de conversão de palavras de uma classe em outra no tcheco, como verbo em adjetivo e substantivo em adjetivo);

- *Sistemas sintáticos* (sistema de flexão mais complexo no tcheco frente ao sistema residual do inglês, que implica em ordem de palavras mais fixa neste); e

- *Sistemas gramaticais* (sistema de caso com usos mais específicos do genitivo no tcheco).

Hipótese de trabalho

A principal questão que se pretende focar aqui é o perfil linguístico do tradutor responsável pelo texto português do *Espelho da Cruz*. Como apresentado antes, Cambraia e Santos (2019, p. 52-53) propuseram duas hipóteses: *poliglossia* (falante nativo de espanhol com conhecimentos de português e catalão como línguas estrangeiras) e *bilinguismo* (falante nativo bilíngue de espanhol e de catalão com conhecimento de português como língua estrangeira). Bico (2021, v. 1, p. 138) considerou mais provável a hipótese de *poliglossia*. No presente estudo, adota-se a hipótese de trabalho que *o tradutor seria falante nativo de catalão*. Esta hipótese específica é, portanto, subsidiária da hipótese geral de *bilinguismo*. Considera-se aqui que há efetivamente uma forma de demonstrar que o tradutor seria falante nativo de catalão (além de falante do espanhol, fato para o qual não há dúvida, dada a ocorrência de hispanismos que não podem ser atribuídos à interferência linguística do texto-fonte, porque este é a tradução catalã, e não a espanhola): *se há catalanismos que não encontram correspondência na língua-fonte do modelo (ou seja, da tradução catalã), então sua presença só se justifica em função de se tratar de expressão da língua materna do tradutor*.

Metodologia

O *corpus* deste estudo compõe-se dos dois testemunhos com a tradução medieval portuguesa do *Espelho da Cruz*: os cód. alcs. 89⁵ e 221⁶. O primeiro foi objeto de edição diplomática integral por Bico (2021, v. 2); e o segundo, de edição paleográfica integral por Santos (2019). A conferência da presença de catalanismos na tradução catalã teve como referência sua edição crítica preparada por Anna Gallina (CAVALCA, 1967). A tradição catalã conta com três testemunhos, que são cópias independentes de uma mesma

⁵ Fac-símile digital disponível em: <<http://purl.pt/24261>>.

⁶ Fac-símile digital disponível em: <<http://purl.pt/24307>>.





tradução (CAVALCA, 1967, t. I, p. 19): M¹ = Biblioteca da Catalunha, 474 [s. XV, 1^a met.]; M² = Biblioteca Universitária, 78⁷ [s. XV, último terço]; e M³ = Arquivo Histórico da Cidade de Barcelona, B-76 [s. XV]. A edição crítica de Gallina tomou M¹ como texto-base, sobre o qual foram feitas emendas a partir dos dois outros, tendo como referência para o texto italiano as edições de Bottari (CAVALCA, 1738) e Taverna (CAVALCA, 1822).

Foram coletadas todas as ocorrências de possíveis catalanismos nos dois testemunhos portugueses da obra em questão. Dada a finalidade da coleta, que era a de embasar a hipótese de trabalho de que o tradutor seria falante nativo de catalão (ainda que bilíngue de espanhol), só foram analisados os dados que apresentassem *fato linguístico atribuível apenas ao catalão*. Um fato linguístico pode ser uma palavra (cf. a preposição *fijns*), um elemento de uma palavra (cf. morfema *jt-* em *jtã*), um aspecto sintático (cf. a ordem dos constituintes *ffora jtaua*), dentre outros fatos. Como método para certificação de um catalanismo, fez-se busca nas bases de dados históricas do *Corpus do Português*⁸ e do *Corpus del Español*⁹. Nos casos em que o fato linguístico foi detectado em uma ou em ambas as bases¹⁰, ele não integrou o *corpus* da presente pesquisa, porque haveria probabilidade de não ser necessariamente catalanismo. Em função desse método, de 1413 possíveis catalanismos, foram eliminados da análise 985 dados, ficando o *corpus* constituído de 428 dados. Houve muito fatos que se constatarem significativamente no catalão, mas tiveram de ser excluídos da análise em função do critério adotado: fatos tais como a grafia *ll-*, cognatos com *deliur-*, *dreit-*, *obrid-*, *aspr-*, *tramet-*, *treball-*, *trob-*; derivados com *-ment*; formas como *apochalipsi*, *qui*, *ensembla*; estruturas como *quasi diga*, dentre outros. Após a aplicação desse procedimento de exclusão, compararam-se as formas que compuseram o *corpus* com as formas correspondentes na tradução catalã editada por Gallina. Nos casos em que o *catalanismo foi compatível com a forma na tradução catalã*, interpretou-se que se trata de *interferência por influência da língua-fonte*. Nos casos em que o *catalanismo não foi compatível com a forma na tradução catalã*, interpretou-se que se trata de *evidência relativa à língua materna do tradutor*.

⁷ Fac-símile digital disponível em: <<https://bipadi.ub.edu/digital/collection/manuscripts/id/34404>>. No catálogo digital da Biblioteca da UB, é identificado pela cota 87, e não 78.

⁸ Disponível em: www.corpusdoportugues.org.

⁹ Disponível em: www.corpusdelespanol.org.

¹⁰ Considerando a complexidade dos dados disponibilizados nessas duas bases, fez-se uma avaliação caso a caso antes de efetuar a exclusão. Buscou-se avaliar a época de ocorrência dos dados considerados, sua extensão no tempo, a diversidade dos textos em que ocorrem e o significado com que se apresentam.





Descrição e análise dos dados

Com base no método descrito, obtiveram-se 428 dados para análise. Os itens distribuem-se da seguinte maneira:

Tabela 1 – Distribuição dos catalanismos nos alcs. 89 e 221 por localização

Padrões	Total
Presença apenas no alc. 89	302 (70,6%)
Presença nos alcs. 89 e 221	87 (20,3%)
Presença apenas no alc. 221	39 (9,1%)
Total	428 (100%)

Aceitando-se a interpretação de Cornagliotti e Piccat (1993, p. 335), reiterada por de Bico (2021), de que o alc. 89 foi modelo para o alc. 221, confirma-se a constatação de Cornagliotti e Piccat de que houve uma ação deliberada para lusitanizar o texto, embora esses autores tenham considerado que isso tenha se passado especificamente em relação a formas sentidas como hispanismos (eles não falaram da existência de catalanismos).

Considerando então apenas os catalanismos, vê-se que sua supressão é evidente, já que, dos 428 dados identificados, apenas 126 (29,4%) foram mantidos no alc. 221. Convém salientar que, dos 428 dados considerados aqui como catalanismos, 376 (87,9%) apresentam algum tipo de intervenção: os agentes¹¹ do alc. 89 poderiam, p. ex., apresentar um substituto para a forma inicial (cf. *angoixa* > *angustia* [alc. 89, f. 88v13]) ou a eliminar simplesmente (cf. *ne* > Ø [alc. 89, f. 146r16])¹²; os agentes do alc. 221 poderiam, p. ex., rejeitar a forma do alc. 89 adotando outra (cf. *tijr* [alc. 89, f. 159r23] > *teer* [alc. 221, f. 126v24]) ou a eliminar simplesmente (cf. *ne* [alc. 89, f. 133v14] > Ø [alc. 221, f. 104r28]). Trata-se de constatação importante para reforçar a interpretação de que os dados selecionados neste estudo foram considerados estranhos à língua-alvo da tradução (o português), justamente por serem catalanismos, segundo defendido aqui.

Dos 39 casos em que há catalanismo apenas no alc. 221, um se deve à impossibilidade de leitura no alc. 89 em razão de deterioração do suporte: trata-se de uma ocorrência de *seës* (alc. 221, f. 126v9), *sem correspondência na tradução catalã*, mas associável à forma catalã medieval *sens*¹³. Esse catalanismo, por não ter correspondência

¹¹ Utiliza-se aqui o termo *agentes* em certos casos, porque diferentes punhos atuaram na constituição dos cód. alcs. 89 e 221, e não apenas o agente principal, que terá sido propriamente o copista de cada testemunho.

¹² Utiliza-se aqui a combinação “> Ø” para indicar eliminação de forma.

¹³ As referências à tradução catalã editada por Gallina (CAVALCA, 1967) serão feitas de forma mais sintética, com indicação de C, seguido de volume, página e linha.





na tradução catalã, só parece ser explicável pela *influência da língua materna do copista do alc. 221*.

Dois outros desses 39 casos, apesar de não terem correlato no alc. 89, *têm correspondente na tradução catalã*¹⁴. Esse fato constitui um primeiro problema para a hipótese de que o alc. 89 foi modelo para o alc. 221: como poderia haver, no alc. 221, formas com correspondência no texto catalão, se seu pretense modelo, o alc. 89, não as possui? Essas duas ocorrências são a preposição *anta* (para o port. *ante*), com redução vocálica do *e* átono final, fato próprio da história do catalão (DUARTE I MONTSERRAT; ALSINA I KEITH, 1984, v. 1, p. 125), correspondendo na tradução catalã a *envers* (C, 1-46-11), e a preposição *sêês*, correspondendo na tradução catalã a *sens* (C, 1-36-3). Uma hipótese já aventada capaz de dar conta dessa questão é a de que teria havido *contaminação* na tradição com a consulta a pelo menos um outro testemunho além do alc. 89 no processo de confecção do alc. 221 (CAMBRAIA; SANTOS, 2019, p. 52). Por ora, não se sabe qual terá sido esse testemunho, nem em que língua estava. Se se considerar que foi consultado um outro testemunho igualmente em catalão (quicá o mesmo que foi usado para realizar a tradução original presente no alc. 89), explica-se o caso de *sêês* (porque tem correspondência na tradução catalã), mas não o caso de *anta*. O catalanismo desta última forma, expresso pela redução da vogal final (de *e* para *a*), novamente só parece ser explicável pela *influência da língua materna do copista*¹⁵ do alc. 221.

Dos outros 36 casos restantes em que há catalanismo apenas no alc. 221, 24 podem ser explicados como interferência da forma presente na tradução catalã. o que significaria ter de admitir novamente a hipótese de contaminação, ou seja, de que o copista do alc. 221 consultou não apenas o alc. 89, mas também a tradução catalã, tal como o caso de *sêês* discutido no parágrafo anterior sugere: trata-se de um caso de *bondada* (alc. 221, f. 49v8) × *bõdade* (alc. 89, f. 64r10) para *bonesa* (C, 1-136-21) na tradução catalã, um de *faer* (alc. 221, f. 6v29) × *fazer* (alc. 89, f. 8v2) para *fer* (C, 1-39-16), um de *venceu* corrigido para *vencê* (alc. 221, f. 66v27) × *vêceu* (alc. 89, f. 91r2) para *vençè* (C, 2-6-15) e 21 de *Senyor* e cognatos (p. ex., alc. 221, f. 14r12) × *Senhor* [abreviado como *Sñor*] e cognatos (p. ex., alc. 89, f. 17r2) para *Senyor* (C, 1-58-23). Mas, em 12 dos 36 casos, por haver na tradução catalã forma que não poderia constituir fonte de interferência, deve-se

¹⁴ Não se trata de correspondência por haver, na tradução portuguesa, item formalmente semelhante ao da tradução catalã, mas sim por haver expressão do mesmo conteúdo, ainda que eventualmente por forma dissonante da catalã, como no primeiro caso.

¹⁵ Neste caso se trata especificamente do copista principal, porque a forma não foi objeto de intervenções por outros punhos.





novamente retomar a hipótese de *influência da língua materna dos agentes do alc. 221*, tal como no caso de *anta* do parágrafo anterior: são casos como *iop* (alc. 221, f. 15r9) × *job* (alc. 89, f. 18r17) para *Job* (C, 1-60-18), *dignjdada* (alc. 221, f. 37r14) × *dignjdade* (alc. 89, f. 46v13) para *dignitat* (C, 1-111-7), *paguj* corrigido para *paguej* (alc. 221, f. 54v12) × *paguei* (alc. 89, f. 72r13) para *he pagat* (C, 1-147-24), dentre outros.

Admitindo-se novamente que o alc. 89 foi modelo para o alc. 221, os catalanismos exclusivos do alc. 221 não dizem respeito, portanto, ao agente que realizou originalmente a tradução do catalão para o português, mas sim especificamente aos agentes do alc. 221¹⁶, que provavelmente tinham o catalão como língua materna, talvez não como a única, incluindo também o espanhol, já que hispanismos permaneceram na sua cópia. Esses dados, no entanto, revelam *o perfil linguístico dos agentes do alc. 221*, mas a resposta para *o perfil linguístico do tradutor* há de estar nos catalanismos presentes no alc. 89, sejam os exclusivos deste, sejam os também presentes no alc. 221.

Considerando, então, apenas os 389 catalanismos restantes do *corpus* desta análise em vista de sua semelhança ou não com a forma presente na tradução catalã, tem-se a seguinte distribuição:

Tabela 2 – Distribuição dos catalanismos

nos alcs. 89 e 221 por localização e por semelhança

Padrões	+ Semelhante	- Semelhante	Total
Presença nos alcs. 89 e 221	63 (72,4%)	24 (27,6%)	87 (100%)
Presença apenas no alc. 89	212 (70,2%)	90 (29,8%)	302 (100%)
Total	275	114	389

Os dados acima permitem verificar que uma parte considerável dos catalanismos pode ser explicada como base na interferência da língua-fonte do modelo, ou seja, da tradução catalã (275 dos 389 dados, logo 70,7%). Portanto, esses 275 dados não são capazes de revelar com segurança se o tradutor do texto para o português tinha o catalão como língua materna. Para se ter uma ideia desses casos de semelhança, vejamos os exemplos abaixo:

¹⁶ Menciona-se aqui os agentes, e não apenas o copista do alc. 221, porque certos catalanismos foram introduzidos no processo de revisão, provavelmente por um segundo punho (do revisor), além do punho principal (do copista). Assim, por exemplo, a forma *bondada* (cat. *bonesa*), com redução da vogal final, é de lavra do punho principal, mas a forma de perfeito *vencê* (cat. *vençè*) é resultante de ação de uma revisão, provavelmente por um segundo punho.





Quadro 1 – Catalanismos com semelhança

com as formas da tradução catalã: presença nos alcs. 89 e 221¹⁷

Alc. 89	Alc. 221	Tradução catalã
<i>cantica</i> (f. 12v22)	<i>cãtica</i> (f. 10v8)	<i>Cantica</i> (1-49-15)
<i>jatsseja</i> (f. 21r18) ¹⁸	<i>jatsseja</i> (f. 17r24)	<i>jatsia</i> (1-66-3)
<i>dauãte</i> (f. 38r18)	<i>dauãte</i> (f. 30r2)	<i>davant</i> (1-95-19)
<i>jtado</i> (f. 61v12)	<i>itado</i> (f. 48r2)	<i>gitat</i> (1-133-8)
<i>ãgoxa</i> (f. 70v17)	<i>angoxa</i> (f. 53v15)	<i>angoxa</i> (1-145-23)
<i>mõte callyarj</i> (f. 77r12-13)	<i>monte calluari</i> (f. 58r12-13)	<i>Monticalvari</i> (1-155-21)
<i>vespra</i> (f. 79v18-19)	<i>uespra</i> (f. 59v15)	<i>vespre</i> (1-159-20)
<i>ordiate</i> (f. 86r1)	<i>ordiate</i> (f. 63v9-10)	<i>ordiat</i> (1-169-15)
<i>verinosas</i> (f. 109v22)	<i>verjnosas</i> (f. 82v13)	<i>verinosos</i> (2-41-21)
<i>fforajitados > ffõra dejtados</i> (f. 101v19)	<i>foradeitados</i> (f. 74v25)	<i>foragitats</i> (2-24-23)
<i>aspirallo</i> (f. 117r10)	<i>aspiralho</i> (f. 89r27)	<i>spiral</i> (2-57-12)
<i>drapezinhos</i> (f. 139r23)	<i>drapezinhos</i> (f. 109r14)	<i>drapellets</i> (2-107-23)
<i>as louuores</i> (f. 139v13)	<i>as louuores</i> (f. 109v1)	<i>les laors</i> (2-108-16)
<i>o ffronte</i> (f. 156v27)	<i>o fronte</i> (f. 123v21)	<i>lo front</i> (2-141-5)
<i>sêês</i> (f. 162r15)	<i>sêês</i> (f. 129r26)	<i>sens</i> (2-151-16)
<i>maror</i> (f. 174r26)	<i>maror</i> (f. 140r16)	<i>meror</i> (2-173-8)

| 10

Como apurou Bico (2021, v. 1, p. 58), na maioria dos casos em que o revisor do alc. 89 apresenta uma intervenção, o copista do alc. 221 a aceita integralmente ou parcialmente. Entretanto, há também casos em que o copista do alc. 221 rejeita a segunda forma proposta pelo revisor do alc. 89 e apresenta uma outra terceira diferente. Além disso, há igualmente casos em que o copista do alc. 221 inova registrando forma diferente da presente no alc. 89, a qual sequer foi objeto de intervenção do revisor deste. Para ilustrar essas quatro situações, vejamos os dados no quadro a seguir, com dois exemplos para cada uma delas, respectivamente:

Quadro 2 – Catalanismos com semelhança

com as formas da tradução catalã: presença apenas no alc. 89¹⁹

	Alc. 89	Alc. 221	Tradução catalã
Aceitação integral	<i>angoixa > angustia</i> (f. 88v13)	<i>angustia</i> (f. 65v1)	<i>congoxa</i> (1-173-17)
	<i>exiu > sayu</i> (f. 104r20)	<i>sayu</i> (f. 77r17)	<i>isquè</i> (2-30-5)
Aceitação parcial	<i>exe > sae</i> (f. 114r22)	<i>sae</i> (f. 87r3)	<i>hix</i> (2-51-12)
	<i>donou > deou</i> (f. 135v7)	<i>deu</i> (f. 106r3)	<i>donà</i> (2-98-3)
Presença de correção e de inovação	<i>conoxêêcaa > conhocêêcaa</i> (f. 106r25)	<i>conhocimêto</i> (f. 79r18)	<i>conexença</i> (2-34-12)
	<i>tenerjtude > tenrjdade</i> (f. 114v14)	<i>teneridõ</i> (f. 87r21)	<i>teneritut</i> (2-52-6)
Ausência de correção	<i>cremãtes</i> (f. 70v9)	<i>queimãtes</i> (f. 53v7-8)	<i>cremans</i> (1-145-16)
	<i>çabatos</i> (f. 113r1)	<i>çapatos</i> (f. 85v14)	<i>çabates</i> (2-48-17)

¹⁷ Na apresentação dos dados com intervenção do copista ou revisor, apresenta-se a forma inicial seguida pelo sinal “>” e a forma resultante das intervenções.

¹⁸ Considerou-se aqui catalanismo a estrutura *jatsseja*, porque, apesar da expressão *ja seja* aparecer em outros textos portugueses (e por isso nessa forma não foi considerada catalanismo), esta nunca ocorre com o -t- de ligação.

¹⁹ Utiliza-se aqui o sinal “>” para indicar a forma final após a intervenção feita pelo copista.





mas presença de inovação			
-----------------------------	--	--	--

Esses dados demonstram que o copista do alc. 221 teve participação ativa na descatalanização da tradução portuguesa, pois, em certos casos, a forma fixada é de sua responsabilidade.

A resposta para a questão principal do presente estudo está, no entanto, nos dados em que os catalanismos da tradução portuguesa não são semelhantes às formas presentes na tradução catalã, razão pela qual sua existência não pode ser atribuída à interferência da língua-fonte do modelo (o catalão). Vejam-se abaixo alguns exemplos, considerando tanto catalanismos presentes nos alcs. 89 e 221 quanto apenas no alc. 89:

Quadro 3 – Catalanismos sem semelhança com as formas

da tradução catalã: presença nos alcs. 89 e 221 × presença apenas no alc. 89²⁰

	Alc. 89	Alc. 221	Tradução catalã
Alcs. 89 e 221	<i>seu > seua</i> (f. 6v1)	<i>seua > ssua</i> (f. 5r25)	<i>sua</i> (1-34-25)
	<i>enbeudado</i> (f. 23r18)	<i>enbeudado > enbeuedado</i> (f. 18v15b)	Ø (1-69-9)
	<i>Ohou llassos</i> (f. 52r4)	<i>O llassos</i> (f. 41r27)	<i>Jo crech que</i> (1-120-15)
	<i>sêês</i> (f. 79v23)	<i>sêês</i> (f. 59v19)	Ø (1-160-3)
	<i>affeguï</i> (f. 100r23)	<i>affegiu</i> (f. 73v14)	<i>ajusta</i> (2-22-11)
	<i>cassia</i> (f. 121v18)	<i>cassia</i> (f. 93v15)	Ø (2-67-24)
	<i>vespra</i> (f. 125v25)	<i>uespra</i> (f. 97r15)	<i>a nit</i> (2-77-2)
Apenas alc. 89	<i>ne</i> (f. 138r20)	<i>ne</i> (f. 108r21)	Ø (2-105-11)
	<i>donou > deu</i> (f. 6v19)	<i>deu</i> (f. 5v10)	<i>tramès</i> (1-35-19)
	<i>senes > sen</i> (f. 70v3)	<i>sen</i> (f. 53v3)	<i>ço és de no</i> (1-145-12)
	<i>bous > bois</i> (f. 76r21)	<i>bois</i> (f. 57v2)	Ø (1-153-22)
	<i>cridos > braados</i> (f. 87v11)	<i>braados</i> (f. 64v20)	<i>planyments</i> (1-172-1)
	<i>jatsseja</i> (f. 93v18)	<i>ja seia</i> (f. 68v25)	<i>per bé que</i> (2-11-17)
	<i>tijr > teer</i> (f. 107r3)	<i>teer</i> (f. 79v19)	<i>fer</i> (2-35-15)
	<i>trasgoxado > pasionad[o]</i> (f. 116r5-6)	<i>pasionado</i> (f. 88v1)	<i>affligit</i> (2-55-9)
	<i>jamequos > gemidos</i> (f. 122r11)	<i>gimjdos</i> (f. 94r5)	Ø (2-68-20)
	<i>jtauã > deitauã</i> (f. 140v4-5)	<i>deitauã</i> (f. 110r15-16)	<i>lançaren</i> (2-110-10)
<i>müdes > limpos</i> (f. 155r22)	<i>lympos</i> (f. 122r23)	<i>purs</i> (2-137-21)	

Os dados do quadro 3 exemplificam os 114 catalanismos do *corpus* desta pesquisa sem semelhança com as formas da tradução catalã. Em alguns casos, tem-se forma plenamente catalã, como *seua*, *llassos*, *ne* (pron. anaf.), *bous*, *müdes*, etc. Em outros casos tem-se forma com traços de catalão, como *enbeudado*, *affegiu*, *donou*, *trasgoxado*, *jtauã*, etc.

²⁰ Utiliza-se aqui o sinal “Ø” para indicar ausência de forma correspondente.





Em nenhuma delas se pode invocar a hipótese de interferência da língua-fonte do modelo, pois, na tradução catalã, não há forma correspondente no respectivo ponto do texto para explicar o tipo de interferência presente na tradução portuguesa.

Naturalmente se poderia argumentar que a influência não decorreria da presença de uma forma no ponto específico em que ocorre o catalanismo, e sim da sua presença em qualquer ponto da tradução catalã. É fato que, em muitos casos, não há forma compatível com o tipo de interferência presente na tradução portuguesa especificamente no ponto que a forma modificada aparece, mas há forma compatível em outro ponto do texto da tradução catalã. Tal é o que ocorre, por exemplo, com a referida forma de plural *llassos*²¹, que ocorre na tradução portuguesa também no singular (*O laas*, alc. 89, f. 12r23; *o laas*, alc. 221, f. 10r13): embora essas duas ocorrências não tenham correspondente na tradução catalã no ponto do texto em que aparecem, a expressão *Ay las* ocorre efetivamente nessa tradução mas em outro ponto do texto (“*Ay las, que la ira m'à vençut!*” [C, 2-116-18]), sem, no entanto, ter correspondência no referido ponto da tradução portuguesa (“*A jra me uençe*”, alc. 89, f. 144v3; “*A jra me uence*”, alc. 221, f. 112v9).

Entretanto, o argumento de interferência pela presença de forma compatível em alguma outra parte da tradução catalã diferente da em que ocorre o catalanismo na tradução portuguesa não explica todos os casos, uma vez que há catalanismos que não tem correspondência em nenhuma outra parte da tradução catalã. Um primeiro exemplo disso é a forma *cassia* citada no quadro 3, bem como sua segunda ocorrência grafada *cassya* (alc. 89, f. 24r2; alc. 221, f. 19r16), que é compatível com a forma catalã *Cassia* (ou seja, João Cassiano, autor das *Colaçoens* que são citadas no texto), mas não aparece em nenhum ponto da tradução catalã: trata-se aparentemente de uma inovação do tradutor para o português²², que, ao acrescentar o nome do autor, quis contextualizar ainda mais a referência à obra *Colaçoens*, título este efetivamente explicitado na tradução catalã pela forma *Collacions* (C, 1-70-10 e 2-67-24). Um segundo exemplo de catalanismo na tradução portuguesa ausente da tradução catalã é o possessivo analógico *seua*. Na tradução catalã aparece a forma etimológica *sua* (“*en una sua epístola*”), que corresponde à forma inicial *seu* no alc. 89, incompatível com o gênero do substantivo que se segue (“*epistolla*”), razão pela qual o revisor

²¹ Trata-se do adj. *llas* (lat. LASSU-), usado em expressões de lamento, o que, em textos medievais portugueses, geralmente é feito com o adj. *mezquinho*, que, aliás, ocorre ao lado de *llassos* na própria tradução portuguesa em questão: cf. “*O llassos mezquinhos*” (alc. 221, f. 41r27-28).

²² Em dois dos primeiros impressos italianos também não consta, nesses dois casos, o nome de Cassiano. No primeiro ponto do texto, o autor citado é referido como “*un sancto padre*” e não há indicação da obra na edição *princeps* de antes de 1476 (f. 17r21), mas há referência às *Colatione* na ed. de 1489 (f. b7v20). No segundo ponto do texto, atribui-se a citação a São José em ambas as edições (antes de 1476, f. 90r3; 1489, f. i6r19-20).





terá corrigido, mas não riscando completamente a forma e substituindo por *sua*, e sim acrescentando um *-a* analógico compatível com o sistema catalão *meva/teva/seva*. O copista do alc. 221 registrou inicialmente *seua*, mas depois o revisor modificou o *e* para um *s*, transformando assim o catalanismo *seua* na forma portuguesa *ssua*. A questão central nesse caso é que, na tradução catalã, não aparece nenhum caso das formas analógicas *meva/teva/seva*, logo a interferência na tradução portuguesa não pode ser atribuída às formas presentes na tradução catalã, mesmo que em outras partes de seu texto.

Esses dois últimos exemplos poderiam ser contestados levando em conta o fato de os agentes responsáveis pelos alcs. 89 e 221 (tradutor, copistas e/ou revisores) criarem e/ou não corrigirem formas analógicas que são fruto do que Hopkinson (2007) chamou de *generalização de falsas hipóteses*, ou seja, generalizações incorretas sobre as relações entre os sistemas linguísticos. Há, na tradução portuguesa, vários dados decorrentes desse processo, que tradicionalmente costuma ser chamado de *hipercorreção*. Um exemplo é a forma de perfeito *podeu* (alc. 221, f. 88v21): o agente em questão infere, como regra de formação de perfeitos da 2ª conjugação, a substituição do *-r* de infinitivo pelo *-u* da 3ª pessoa do singular, como no caso correto de *comer* → *comeu*, e aplica a qualquer verbo da 2ª conjugação, logo *poder* → *podeu*, ignorando completamente a existência da forma irregular *pode* (com *o* fechado). As generalizações naturalmente são aplicadas com adequação nos casos de comportamento regular das formas, mas não nos casos de comportamento irregular. Nos casos de comportamento regular, acaba nem sendo possível reconhecer que o agente terá criado uma forma sem nunca a ter visto ou ouvido, já que o resultado é uma forma compatível com o uso real da língua por falantes nativos. Essa generalização de falsa hipótese poderia explicar, portanto, a emergência de uma forma como *seua*: o agente infere, como regra de formação de femininos, o acréscimo de *-a*, como em *pecador* → *pecadora*, e a aplica a qualquer forma de masculino, logo *seu* → *seua* (que é, aliás, a lógica que deu origem às formas analógicas de possessivo do catalão)²³.

Mas há formas cuja singularidade não admite interpretação baseada na ideia de generalização de falsas hipóteses: tal é o caso de *jamequos* (alc. 89, f. 122r11), associável à forma catalã *gemec*, formada por derivação regressiva de *gemegar* (< lat. vulg. **gēmīcare*, a partir do lat. cl. *gēmēre*), tendo *gemidos* como forma correspondente na tradução portuguesa, acrescentada pelo próprio revisor do alc. 89 como correção. Primeiramente,

²³ Há evidência de que a generalização ocorria também no sentido inverso (feminino > masculino), ou seja, inferiu-se, como regra de formação de masculino, a substituição do *-a* por *-o*, como *nossa* → *nosso* e aplicou-se equivocadamente como em *minha* → *minho* (cf. *mjnho* [alc. 89, f. 15v1], com correção do revisor para *meuu*).





não se pode defender que a presença de *jamequos* seja por influência de forma semelhante no mesmo ponto do texto em questão na tradução catalã, porque não consta nele; em segundo lugar, não se pode argumentar que sua presença seja por influência de forma semelhante no outro ponto do texto na tradução catalã, uma vez que não há nenhuma ocorrência de *gemec* em qualquer ponto da tradução catalã; e, por fim, não se pode defender que sua existência seja derivada de generalização de falsa hipótese, já que a presença de velar no final do radical neste caso não corresponde uma regra morfológica do português²⁴. A presença dessa velar nessa palavra só se explica por interferência vinda da língua do tradutor, razão pela qual se deve reconhecer que ele seria *falante nativo de catalão*.

Para se ter uma ideia da natureza dos catalanismos na tradução portuguesa, realizou-se uma classificação das interferências com base nos níveis linguísticos afetados²⁵:

- *gráficas* (interferências que se referem a representação gráfica de elementos fônicos): p. ex., *senyor* (× *senhor*), *mjnyas* (× *mjnhas*), etc.

- *fônicas* (interferências que se referem a elementos fônicos que não constituem sozinhos um morfema)²⁶: p. ex., *drapezinhos* (× *trapezinyos*), *cadira* (× *cadeira*), *çabatos* (× *çapatos*), *aparexeu* (× *apareceu*), *alletou* (cf. port. *aleitou*, ausente da tradução port.), *ordooado* (× *ordenado*), *beuragê* (× *beueragê*), *bous* (× *bois*), *pau* (× *paz*), *anta* (× *ante*), *sobra* (× *sobre*), *frema* (× *firme*), *jop* (× *job*), etc.²⁷

- *morfológicas* (interferências que se referem a elementos que constituem sozinhos um morfema, mas também incluindo a questão do gênero gramatical): p. ex., *jtã* (cf. raiz *jt-* × port. *deit-*), *donou* (cf. raiz cat. *don-* × port. *d-*), *esser* (cf. raiz cat. *ess-* × port. *ser*), *tijr* (cf. raiz cat. *ti-* e vog. tem. cat. *-i-* × port. *te-* e *-e-*), *llegimos* (cf. radical *llegi-* × port. *le-*), *aonesce* (cf. radical cat. *aonesc-* × port. *un-*), *dolcamête* (cf. suf. fem. cat. *-a* × port. *-e* neste caso), *müdes* (cf. sufixo masc. pl. cat. *-es* × port. *-os*), *seua* (cf. raiz cat. no fem. *seu-* × port. *su-*), *jatsseja* (cf. morfema de ligação cat. *-t-*), *o fronte* (gên. masc. em vez de fem.), etc.

²⁴ Veja-se, ademais, que a forma *jamequos* apresenta vogal pretônica neutralizada de *e* em *a*, processo presente no catalão.

²⁵ Nesta seção, escusa-se de indicar o testemunho português e a localização do dado em nome da concisão e também porque a maioria desses dados já foi apresentada nas seções anteriores com a devida referência.

²⁶ As formas entre parênteses são as propriamente portuguesas presentes nos alcs. 89 e 221, na maioria das vezes como correção imediata do catalanismo pelo(s) revisor(es).

²⁷ Certos casos são fronteira, já que o(s) elemento(s) fônico(s) modificado(s) não é(são) morfema(s), mas a modificação acompanha geralmente o paradigma do morfema de que faz parte: assim, a forma catalanizada *ordoo-*, por oposição à portuguesa *orden-*, se manifesta em todos os derivados com essa raiz, verbais e nominais, mas os segmentos *-en-* da forma portuguesa e *-o-* da catalã não constituem *per se* um morfema, razão pela qual o caso foi classificado como interferência fônica.





- *sintáticas* (interferências que se referem a combinação de itens lexicais): p. ex., *Nõ res meeos* (cf. cat. *no res menys*), *cõtra tu* (cf. port. *contra ti*), *ffora jtaua* (cf. cat. *foragitava*), etc.

- *lexicais* (interferências que se referem a itens lexicais cuja raiz não tem equivalente formalmente semelhante no português): p. ex., *jamequos* (cf. raiz cat. *gemeg-*), *affegiu* (cf. raiz cat. *affeg-*), *cridou* (cf. raiz cat. *cri-*), *deuallou* (cf. raiz cat. *devall-*), *exeu/jxiu* (cf. raiz verb. cat. *ex-/ix-*), *jaqujã* (cf. raiz cat. *jaqu-*), *lunyar* (cf. raiz cat. *luny-*), *bueyto* (cf. raiz. cat. *vuit-*), *angoixa* (cf. raiz. cat. *angoix-*), *cremãtes*²⁸, *girapigya*, *maror*, *ordiate*, prep. *fines/fijns*, prep. *senes/sêës*, pron. anafór. *ne*, etc.²⁹

Tabela 3 – Distribuição dos catalanismos

nos alcs. 89 e 221 por localização e por tipo de interferência

	Gráfica	Fônica	Morfológica	Sintática	Lexical	Total
Presença apenas no alc. 89	3 (1%)	121 (40,1%)	102 (27,8%)	3 (1%)	67 (22,2%)	87 (100%)
Presença nos alcs. 89 e 221	12 (13,8%)	18 (20,7%)	15 (17,2%)	4 (4,6%)	38 (43,7%)	302 (100%)
Presença apenas no alc. 221	28 (71,8%)	6 (15,4%)	3 (7,7%)	—	2 (5,1%)	39 (100%)
Total	43	145	126	7	107	428

Os dados da tabela 3 evidenciam que os catalanismos na tradução portuguesa do *Espelho da Cruz* apresentam a seguinte ordem de grandeza em termos de tipo de interferência: fônica > morfológica > lexical > gráfica > sintática. Embora a fônica seja a mais frequente, há uma quantidade considerável no âmbito da morfologia, nível linguístico que geralmente apresenta maior resistência à interferência em situação de contato e cuja afetação supõe um contato mais intenso (THOMASON; KAUFMAN, 1991, p. 74-75). No interior das categorias lexicais, constam também itens muito significativos, como é o caso das palavras gramaticais como *fijns*, corrigida pelo revisor geralmente para *ataa*, e *sêës*, corrigida para *sem*: a incorporação de palavras gramaticais na tradução portuguesa mostra que a interferência do catalão não é superficial, mas sim mais profunda, o que só pode ser esperado de um falante que a tenha como língua materna.

Naturalmente emergirá neste ponto da discussão uma dúvida sobre a limitação dos catalanismos. Em um texto com aprox. 78.000 palavras, como é possível que apenas 428

²⁸ As formas *crema* e *cremãtes* foram consideradas interferências lexicais, porque o verbo *cremar* aparece documentado em outros textos em português só a partir do séc. XIX (CUNHA, 1997, p. 225).

²⁹ Novamente casos fronteiraços se fazem presentes: casos como *jamequos* (port. *gemidos*) e *angoixa* (port. *angústia*) apresentam certa semelhança formal com a forma portuguesa, mas a singularidade da diferença (como em *-equ-* × *-id-* no primeiro caso) evidencia que se trata de questão mais complexa do que apenas fônica ou morfológica, por isso foram classificados como lexicais.





possam ser catalanismos, se uma das línguas maternas do tradutor seria o catalão e, além disso, se a língua-fonte do modelo era o catalão, já que a tradução portuguesa é derivada de tradução catalã? A resposta para essa questão é que muitos fatos linguísticos presentes na tradução portuguesa e estranhos a essa língua apresentam coincidência entre catalão e espanhol (como, p. ex., os casos de manutenção de *-l-* e de *-n-* intervocálicos), por isso o que se tem tratado como influência do espanhol pode ser influência também do catalão, e não parece haver método capaz de determinar com segurança qual seria a língua-fonte da interferência em cada caso. Assim, por exemplo, os três dados apresentados por Martins (1956, p. 158) já no primeiro estudo sobre o texto em questão (*illusiones, dolores e generalmente*) foram interpretados como “espanholismos”, mas poderiam ser interpretados também como interferências do catalão (cf. cat. mod. *illusions, dolors, generalment*). É bem provável que Martins tenha determinado a fonte da interferência com base na existência de correspondência integral da palavra (cf. esp. mod. *ilusiones, dolores e generalmente*), com o *-e* na sílaba átona final diferenciando essas formas em relação às do catalão, mas já se demonstrou aqui que as interferências podem ser parciais, atingindo apenas algum elemento de uma palavra, como no caso de *enbeudado*, em que a raiz *beu-* é catalã, mas a marca de participio masculino singular *-do* é compatível com a do português e do espanhol, por oposição ao morfema *-t* equivalente no catalão.

O mosaico linguístico da tradução medieval portuguesa do *Espelho da Cruz*

A tradução medieval portuguesa do *Espelho da Cruz* é um registro linguístico bastante complexo.

Primeiramente, esse registro pode ser efetivamente considerado como uma *tradução medieval portuguesa*, mas, pelas fortes interferências linguísticas, é adequado interpretar que seja, na verdade, um tipo de interlíngua. Como se viu pelos dados da tabela 1, o alc. 89 apresenta mais interferência linguística do que o alc. 221, cujo processo de elaboração acentuou a lusitanização em relação à forma da tradução presente no alc. 89. Para evidenciar o estatuto de tradução efetivamente portuguesa, pode-se mencionar que, no prólogo do alc. 221, composto de 880 palavras, apenas 25 seriam passíveis de serem reconhecidas como apresentando algum tipo de interferência, ou seja, menos de 3% do prólogo.

Em segundo lugar, ainda está em aberto a questão sobre quais línguas apresentaram interferência sobre a tradução portuguesa, além da presença do catalão já citado nas seções anteriores.





Interferência do *espanhol* está seguramente presente na tradução medieval portuguesa do *Espelho da Cruz*. Uma vez que essa tradução terá sido feita da catalã, a única explicação para os hispanismos é a de que se trata de interferência da língua materna do tradutor. Há fatos inequivocamente do espanhol, como *fasta* (alc. 221, f. 27r29), *voy* (alc. 221, f. 90r17), *ouuo* (alc. 221, f. 40r4), *amo* [forma de perfeito] (alc. 221, f. 5v1), *otros* (alc. 221, f. 10r2), *sjn* (alc. 221, f. 14v8), *merzqua* (alc. 221, f. 17v11), *dulce* (alc. 221, f. 18r20), etc.

Interferência do *latim* também se constata. Não se está referindo aqui às diversas citações da bíblia presentes na tradução portuguesa: cf., p. ex., “Aque multe non potuerunt stinguere caritatem” (alc. 221, f. 3v6), extraída de Cânticos, 8:7. Aliás, um aspecto interessante da tradução portuguesa é que boa parte das citações latinas presentes em seu modelo, ou seja, na tradução catalã, foi omitida, ficando apenas o seu correspondente românico: cf. “Nunquid et vos vultis abire?": ‘E donchs, vosaltres aytambé voleu-vos-en anar?’” (C, 1- -37-12) × “E pois vossoutros queredes uos partir” (alc. 221, f. 6r15-16), citação referente a João, 6:67. Está-se referindo aqui a outras formas de manifestação da língua latina na tradução portuguesa, que, pelo fato de o latim literário ter tido um papel importante na constituição das línguas românicas (MAURER JR., 1951, p. 38), é bastante difícil identificar se seria interferência latina atribuível especificamente ao processo de tradução do *Espelho da Cruz*, em oposição ao que seria empréstimo incorporado à língua portuguesa da época de forma geral. Não são raros nessa tradução casos de formas sinônimas populares e eruditas (sendo estas últimas empréstimos latinos), como, respectivamente, *cabidoos* (alc. 221, f. 118r8) × *capitulos* (alc. 221, f. 118r8); *pendença* (alc. 221, f. 54v3) × *penjtencia* (alc. 221, f. 105r11); *ocajom* (alc. 221, f. 117r26) × *occasion* (alc. 221, f. 105v14), dentre outros. Pares como esses, no entanto, ocorrem com frequência em outras obras medievais portuguesas (CAMBRAIA, 2009). Muito raramente, uma palavra latina é usada na tradução portuguesa do *Espelho da Cruz* fora de citação e sem correspondência na tradução catalã, sendo um exemplo a forma *prodigus*: cf. “En lo primer grau era aquell fill deguastedor e despessech” (C, 1-94-6), “Em o primeiro grado [*corrigido para* grao] era aquell filho prodigus . scilicet . degastador ou despendedor” (alc. 89, f. 37r23-38v1) e “ë o prjmeiro graao era aquelle filho prodigo . scilicet . degastador ou despêdedor” (alc. 221, f. 29r19-21). Pode-se dizer, portanto, que, embora haja efetivamente interferência da língua latina sobre o português da tradução do *Espelho da Cruz* que seja específica do processo tradutório, ela é muito rara.

Há evidência de interferência também do *italiano* na tradução medieval portuguesa do *Espelho da Cruz*. Bico (2021, v. 1, p. 76) chamou a atenção para as





correções de *orbo* (“cego”), que interpretou como italianismo, na seguinte passagem do alc. 89: “Diz que ssi o homêẽ ceguo o orbo [orbo *riscado*] gujda [d *riscado*] o traje o outro orbo [outro orbo *riscados e cego acrescentado na entrelinha*] antramos [antramos *riscado e ambos acrescentado na entrelinha*] cagê ã o [o *corrigido para a*] barranquo [barranquo *riscado e fossa acrescentado na entrelinha*] (alc. 89, f. 157r15-17). O estatuto de italianismo da forma *orbo*, no entanto, não é isento de dúvida. Se, por um lado, a forma presente na tradução catalã é *cech* (“Si lo cech haurà manat o guiat l’altre cech, endosos caen en la fossa”, C, 2-141-18) e, nesse caso, a forma *orbo* não poderia ser interferência da língua-fonte da tradução nesse ponto, por outro lado existe a forma *orb* na catalão e ela aparece em outros pontos da tradução catalã (C, 1-136-26 e 2-19-19), inclusive em formas derivadas como *orbetat* (C, 2-67-21 e 2-141-13) e *exorbat* (C, 2-95-12), podendo ser *orbo*, portanto, uma forma catalã lusitanizada com o acréscimo do *-o* de masculino. Embora esse caso não seja uma amostra segura de italianismo na tradução portuguesa, há sim outros fatos que apresentam compatibilidade com o italiano: manutenção de *-e* (cf. *efficaçe* [alc. 221, f. 8v12], *johãne* [alc. 221, f. 15v26], *ujctore* [alc. 221, f. 26r16], etc.); manutenção de *-d-* intervocálico (*ĩclude* [alc. 221, f. 26r29], *concludẽdo* [alc. 221, f. 72v29], *tradir* [alc. 221, f. 108v6]); manutenção de *-k-* intervocálico (cf. *dica* [alc. 89, 102r1]); itens lexicais como *calcanho* (alc. 221, f. 54r3). Um caso muito especial são as abreviaturas *famẽẽ* (alc. 221, f. 35v30), *nomẽ* (alc. 221, f. 120r12) e *beatitudẽ* (alc. 221, f. 127r19), que, em função da existência por extenso da forma *simillitudines* (alc. 89, f. 4r1), corrigida pelo revisor para *semelanças* (o que indica aquela ser-lhe estrangeira), se imagina que as três referidas sejam formas abreviadas, respectivamente, de *famene* (por *famine*), *nomine* e *beatitudine*, italianismos portanto. Por um lado, o fato de haver, na tradução portuguesa, trechos genuínos da obra de Cavalca ausentes dos testemunhos da tradução catalã obrigou a admitir-se que se trata de tradição com contaminação, provavelmente a partir de testemunhos em italiano (CAMBRAIA; SANTOS, 2019, p. 52): esse fato permite hipotetizar que os italianismos podem ser fruto de interferência da língua-fonte do testemunho usado como para a contaminação. Por outro lado, a inexistência de uma edição crítica do texto original italiano, com ampla colação dos testemunhos supérstites (sobretudo os manuscritos), dificulta sensivelmente comprovar essa interpretação. Como exemplo, pode-se mencionar que, na passagem com a forma *orbo* acima citada examinada por Bico (2021), o que se constata na tradição italiana impressa é sempre a presença da forma *ciec(h)o*, e não de *orbo*³⁰, logo não poderia se

³⁰ A necessidade de se examinar mais amplamente a tradição italiana há de impactar também na análise apresentada por Bico (2021), pois há passagem tratada como inovação da tradução catalã transmitida para





tratar de caso de interferência da língua-fonte de um possível testemunho de contaminação em italiano. A presença de *ciec(h)o* é o que se verifica, p. ex., em duas das primeiras edições impressas — antes de 1476 (f. 126v10) e 1489 (f. m6v2)³¹ — bem como na limitada edição crítica moderna de Centi (1992, p. 366)³².

Parece haver também interferência do *francês*. Por ser o catalão, língua-fonte da tradução portuguesa, uma língua-ponte entre a Ibero-românia e a Galo-românia, há fenômenos cuja presença é difícil de atribuir a uma ou a outra. Ademais, o francês influenciou sobre o processo de formação das línguas românicas de forma geral durante a Idade Média (MAURER JR, 1951, p. 44-55), exceto no caso do romeno, por isso há galicismos que foram incorporados ao português de maneira geral e não são atribuíveis ao processo tradutório específico em questão: basta mencionar formas como *mjlagre* (alc. 221, f. 29r26), *monjes* (alc. 221, f. 131v24), compostos em *-agem* como *saluagê* (alc. 221, f. 131v19), etc. Entretanto, há alguns casos de interferência do francês que parecem muito particulares: *sages* (alc. 221, f. 56r26)³³ e *celestrial* (alc. 221, f. 130v12)/*celestriaaes* (alc. 221, f. 128v3)³⁴. A forma *sages*, que ocorre 9 vezes no alc. 221, corresponde a *savi* no texto catalão (cf. p. ex., C, 1-151-14). Em todas elas, independente da função sintática, se contata a presença do *-s* final para o singular, morfema analógico que poderia ocorrer eventualmente para os adjetivos masculinos em *-e* no caso sujeito singular no francês medieval (ANDRIEUX-REIX ET AL, 2000, p. 35). As formas *celestrial* e *celestriaaes* têm como marca do francês o chamado *r adventício*, que se multiplicou na fase do francês médio, dando origem a formas como *celestre* e *evangelistre* (ZINCK, 1990, p. 17-18). No alc. 221, as formas do referido adjetivo com o *r* são mais frequentes do que as sem ele (5

a portuguesa (BICO, 2021, v. 1, p. 66-67) que, de fato não está presente na edição italiana de Centi (CAVALCA, 1992, p. 186) consultada pela pesquisadora, mas está na edição italiana impressa de 1489: cf. “Le gambe con tutta la persona fu flagellato molto asperamente” (ed. 1489, f. f5r11-12), “e les cames e tota la persona, après los grans affanys, foren flagellades” (C, 1-164-2), “E as pernas e toda a perssooa ajnda depois dos traballos fforõ açoutados” (alc. 89, f. 82r16-18) e “e as pernas e todo o corpo depois dos trabalhos forõ açoutados” (alc. 221, f. 61r16-17).

³¹ Veneza: Filippo di Pietro ou Juvenis Guerinus, antes de 1476 (exemplar consultado no presente estudo: Biblioteca Vallicelliana, Roma); Mediolano: Leonardo & Oldricho Teuthonici, 1489 (exemplar consultado: Biblioteca Nacional, Florença).

³² A edição de Centi se baseia na de Taverna (CAVALCA, 1822), tendo consultado também a edição de Bottari (CAVALCA, 1738) — as duas mesmas que, como já mencionado aqui, consultou Gallina na edição da tradução catalã — e o cód. II.VII.28 da Biblioteca Nacional Central de Florença, do séc. XV (CENTI, 1992, p. 15).

³³ Bico (2021, p. 100) comenta sobre a presença da forma *sages* como evidência da dependência do alc. 221 em relação ao alc. 89, mas não manifesta opinião sobre a natureza da forma como sinal de interferência do francês.

³⁴ São possíveis galicismos os casos de grafia *ou* como em *Amour* (alc. 89, f. 5v7), *pour* (alc. 89, f. 6v8), *toudo* (alc. 89, f. 3v28), etc. Mas podem ser casos de hipercorreção, revertendo equivocadamente supostos casos de monotongação do espanhol ou do catalão frente ao português.





vezes com *r* contra 4 vezes sem *r*). Essas duas interferências do francês são tão limitadas que não revelam muito sobre a motivação de sua presença.

Deve-se também discutir se haveria interferência também do *aragonês*. Há alguns fatos que são compatíveis com aspectos³⁵ dessa língua como: (a) palatalização com manutenção do elemento consonantal³⁶ (LLEAL, 1990, p. 173) como em *pllanto* (alc. 89, f. 59r10), *pllaguas* (alc. 89, f. 100r4-5), *complle* (alc. 89, f. 101v1), *ffllores* (alc. 89, f. 112v10) e *afflligida* (alc. 89, f. 72v14); (b) maior resistência à queda do *-d-* intervocálico (NAGORE LAÍN, 2003, p. 161) como em *radida* (alc. 89, f. 123v9), o que o aproxima do italiano; e (c) demonstrativo singular terminado em *-i* (NAGORE LAÍN, 2003, p. 247) como em *desti* (alc. 221, f. 13r9).

Por fim, não se pode deixar de mencionar o *galego*, uma vez que aparece na tradução portuguesa o pronome oblíquo de 2ª pessoa *che* (alc. 89, f. 17r2), fato considerado tipicamente galego (BECHARA, 1985).

Como dito no início desta seção, a questão das línguas³⁷ que interferiram no processo de formação e transmissão da tradução medieval portuguesa do *Espelho da Cruz* está em aberto e será necessário desenvolver um método muito particular para abordá-la de forma rigorosa e consistente. Um dos problemas está no fato de se tratar de um caso que envolve *diferentes línguas de uma mesma família*, a *românica*, que partilham traços comuns, resultando em que certos fatos linguísticos de interferência possam ser atribuídos a mais de uma língua desse domínio. Além disso, trata-se de uma questão referente a essas línguas no *final da Idade Média*, época em que a diferenciação entre elas era menor do que atualmente, o que torna sua identificação mais complexa. Por fim, há também a questão de não se conhecer com suficiente clareza como foi o *processo de difusão da obra*, seja porque a *tradição italiana*, língua em que a obra foi originalmente composta, ainda não foi suficientemente estudada, apesar das primeiras achegas ao tema por Troiano (2018), seja ainda porque a *tradição catalã*, fonte para a portuguesa, também não foi suficientemente tratada, apesar da edição crítica da Gallina (CAVALCA, 1967), na qual não se propôs um estema para representar a relação entre os testemunhos catalães, seja,

³⁵ O aragonês partilha com o catalão a opção por *ny* para representação de palatal nasal, embora na Idade Média fosse mais comum *nny* (Nagore Laín, 2003, p. 81).

³⁶ Nagore Laín (2003, p. 154, nota 458) considera que não houve palatalização nos casos de oclusiva e lateral no aragonês, sendo o *ll* nesses casos um grafismo para *l/*.

³⁷ Diante de um registro linguístico tão misto, naturalmente vem à mente o caso do pidgin que exerceu papel de língua franca na europa mediterrânea durante da Idade Média, chamado de *sabir*, para o qual também terá havido contribuição occitano-catalã (CASTELLANOS, 2007). Se a presença de multilinguismo na tradução medieval portuguesa do *Espelho da Cruz* é fato que a aproxima do *sabir*, já a complexidade e riqueza morfológica do sistema linguístico presente nessa tradução a afasta nitidamente dele. Para exemplos da referida língua franca no séc. XIX, cf. a seção final do *Dictionnaire de la Langue Franque* (DICTIONNAIRE, 1830).





por fim, porque o conhecimento da *relação entre as três tradições* (italiana, catalã e portuguesa) também continua pendente, pois as formas genuínas presentes na tradição portuguesa e ausentes da tradição catalã apontadas por Cambraia e Santos (2019) continuam à espera de elucidação.

Considerações finais

Como base na análise desenvolvida neste estudo sobre a tradução portuguesa medieval do *Espelho da Cruz*, considera-se que há evidências favoráveis à hipótese de que *o tradutor seria falante nativo de catalão*, o que reforça a hipótese geral de *bilinguismo* (falante nativo bilíngue de espanhol e de catalão com conhecimento de português como língua estrangeira).

A observação atenta de cada forma linguística presente na tradução portuguesa medieval do *Espelho da Cruz* evidencia que se trata de um registro linguístico misto e bastante complexo de ser desvendado. Será necessário desenvolver um método de análise muito específico para dar conta das particularidades linguísticas do texto, sobretudo diante da dificuldade de identificar o peso de cada língua, dado que via de regra se trata de línguas românicas, predominantemente as da Península Ibérica.

Por fim, não é possível terminar esta discussão sem deixar de assinalar como a tradução portuguesa medieval do *Espelho da Cruz* traz à memória o personagem Salvatore, do romance de ficção *O Nome da Rosa*, de 1980, do magistral Umberto Eco (1932-2016). Adso, o noviço, após ouvir Salvatore expressar-se, reflete sobre a língua usada por este, para cuja criação Eco provavelmente se inspirou na existência do já referido sabir:

Deverei, no prosseguimento desta história, falar ainda, e muito, desta criatura e relatar suas conversas. Confesso que me resulta muito difícil fazê-lo porque não saberia dizer agora, como não compreendia então, que espécie de língua ele falava. Não era o latim, em que nos expressávamos entre homens de letrados na abadia, não era o vulgar daquelas terras, nem outro vulgar que eu tivesse ouvido. Creio ter dado uma pálida ideia de seu modo de falar referindo pouco acima (...) as primeiras palavras que dele ouvi. Quando mais tarde soube de sua vida aventureira e dos vários lugares em que vivera, sem encontrar raízes em nenhum, percebi que *Salvatore falava todas as línguas, e nenhuma*. Ou seja, inventara uma língua própria que usava enxertos das línguas com que entrara em contato — e uma vez cheguei a pensar que a sua era, não a língua adâmica que a humanidade feliz falara, todos unidos por um só dizer, das origens do mundo até à torre de Babel, e sequer uma das línguas surgidas depois do funesto evento da sua divisão, mas justamente a língua babélica do primeiro dia após o castigo divino, a língua da confusão primeva. Nem por outro lado poderia chamar de língua a fala de Salvatore, porque em todas as línguas humanas há regras e cada termo significa ad placitum uma coisa, segundo uma lei que não muda (...). Todavia, bem ou mal, eu entendia o que Salvatore queria dizer, e os outros também. Digo que *ele falava não uma, mas*





todas as línguas, nenhuma de modo correto, tomando suas palavras ora de uma ora de outra. (ECO, 1986, p. 64-65, itálicos nossos)

Referências

- ANDRIEUX-REIX, N. ET AL. **Petit traité de langue française médiévale**. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.
- BECHARA, E. **As fases históricas da língua portuguesa**: tentativa de proposta de nova periodização. 1985. Tese (Concurso para Professor Titular de Língua Portuguesa) — Niterói, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 1985.
- BICO, M. I. M. **Espelho da Cruz**: tradição, transmissão e tradução. 2021. Dissertação (Mestrado em Crítica Textual) — Lisboa, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2021. 3 v. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/48933>. Acesso em: 06 set. 2021.
- CAMBRAIA, C. N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martin Fontes, 2005.
- CAMBRAIA, C. N. Variantes textuais nas versões portuguesas medievais do *Livro de Isaac*: o caso dos pares sinônimos. In: LARA, G. M. P.; COHEN, M. A. (Orgs.) **Lingüística, tradução, discurso**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009. p. 27-40.
- CAMBRAIA, C. N.; SANTOS, M. A. O multilinguismo na tradução medieval portuguesa do Espelho da Cruz: a presença do catalão. *Confluência*, Rio de Janeiro, v. 57, p. 36-58, 2019. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/download/319/217>. Acesso em: 06 set. 2021.
- CASTELLANOS, C. **La lingua franca, una revolució lingüística mediterrània amb empremta catalana**. Halifax, 2007. (Comunicação apresentada no 12^è Col·loqui Internacional de la North American Catalan Society, Dalhousie University Halifax, Nova Escócia, Canadá, 11-13 maio 2007). Disponível em: www.uab.cat/Document/439/403/castellanos_linguafranca2007.pdf. Acesso em: 06 set. 2021.
- CAVALCA, D. **Specchio de croce**. Venezia: Filippo di Pietro / Juvenis Guerinus, antes de 1476. Disponível em: https://www.europeana.eu/portal/record/9200369/webclient_DeliveryManager_pid_1989651_custom_att_2_simple_viewer.html. Acesso em: 06 set. 2021.
- CAVALCA, D.. **Specchio della croce**. Mediolano: Leonardo & Oldricho teuthonici, 1489. Disponível em: https://www.europeana.eu/portal/record/9200369/webclient_DeliveryManager_pid_9871342_custom_att_2_simple_viewer.html. Acesso em: 06 set. 2021.
- CAVALCA, D. **Specchio di croce del P. Domenico Cavalca dell'Ordine de' Predicatori ridotto alla sua vera lezione**. Roma: Antonio de' Rossi, 1738. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=tnFvngAACAAJ>. Acesso em: 06 set. 2021.
- CAVALCA, D. **Specchio di croce di F. Domenico Cavalca secondo un testo della Biblioteca quiriniana di Brescia ignoto a Mr. Bottari e agli accademici della Crusca con un ragionamento sopra la sua eccellenza di Giuseppe Taverna**. Brescia: Moro e Falsina, 1822. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=xedfxx3BE-0C>. Acesso em: 06 set. 2021.
- CAVALCA, D. **Lo specchio della croce**. Testo originale e versione in italiano corrente a cura di P. Tito Sante Centi O. P. Bologna: Edizioni Studio Domenicano, 1992.
- CAVALCA, D. **Mirall de la creu**: versió catalana del segle XV, per Pere Busquets. A cura d'Annamaria Gallina. Barcelona: Barcino, 1967. 2 v.





- CORNAGLIOTTI, A.; PICCAT, M. Interferências linguísticas em um manuscrito de área ibérica. **La filologia romanza e i codici**: atti del Convegno, Fortunata Latella. Messina: Sicania, 1993. V. 2, p. 333-355.
- CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa**. 2. ed. 8. impr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- DAMONTE, M. Una traduzione spagnola quattrocentesca dello *Specchio di Croce*, di fra' Domenico Cavalca. **Atti dell'Accademia Ligure di Scienze e Lettere**, v. 22, p. 215-222, 1977.
- DELCORNO, C. CAVALCA, Domenico. In: **DIZIONARIO BIOGRAFICO DEGLI ITALIANI**. Roma: Istituto della Enciclopedia italiana, 1979. V. 22. Disponível em: [https://www.treccani.it/enciclopedia/domenico-cavalca_\(Dizionario-Biografico\)](https://www.treccani.it/enciclopedia/domenico-cavalca_(Dizionario-Biografico)). Acesso em: 06 set. 2021.
- DICTIONNAIRE de la langue franque ou petit mauresque, suivi de quelques dialogues familiers et d'un vocabulaire de mots arabes les plus usuels, à l'usage des Français en Afrique. Marseille: Feissat et Demonchy, 1831. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6290361w>. Acesso em: 06 set. 2021.
- DUARTE I MONTSERRAT, C.; ALSINA I KEITH, À. **Gramàtica històrica del català**. Barcelona: Curial, 1984-1986. 3. v.
- ECO, U. **O nome da rosa**. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- HOPKINSON, C. Factors in linguistic interference: a case study in translation. **SKASE: Journal of Translation and Interpretation**, Ostrava, v. 2, n. 1, p.13-23, 2007. Disponível em: http://www.skase.sk/Volumes/JTI02/pdf_doc/2.pdf. Acesso em: 06 set. 2021.
- LLEAL, C. **La formación de las lenguas romances peninsulares**. Barcelona: Barcanova, 1990.
- MARTINS, M. O "Espelho da Cruz" de Frei Domingo Cavalca. In: _____. **Estudos de literatura medieval**. Braga: Cruz, 1956. p. 157-158.
- MAURER JR, T. H. **A unidade da românia ocidental**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1951. (Boletim, 126; Filologia Românica, 2).
- NAGORE LAÍN, F. **El aragonés del siglo XIV según el texto de la cronica de San Juan de la Peña**. Huesca: Instituto de Estudios Altoaragoneses, 2003.
- NEWMARK, P. **About translation**. Bristol: Multilingual Matters, 1991.
- SANTOS, M. A. dos. *Textos medievais portugueses alcobacenses*: edição do "Espelho da Cruz" do cód. alc. 221. 300 f. 2019. Relatório Final (Iniciação Científica) — Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- SELINKER, L. Interlanguage. **International Review of Applied Linguistics in Language Teaching**, Berlin, v. 10, n. 3, p. 209-231, 1972.
- THOMASON, S. G.; KAUFMAN, T. **Language contact, creolization and genetic linguistics**. Berkeley: University of California Press, 1991.
- TROIANO, A. **Lo "Specchio di Croce" di Domenico Cavalca**: la tradizione manoscritta. Ariccia: Aracne, 2018.
- WEINREICH, U. **Language contact**: findings and problems. The Hague / Paris: Mouton, 1953. [6. repr., 1970]
- ZINCK, G. **Le moyen français**. Presses Universitaires de France, 1990.

